



Figura 1. João Batista Vilanova Artigas. Fonte: Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Editora Pini, ano 1, n. 1, p. 22, 1985.

\* Mestre da arquitetura brasileira dispensa apresentação. Nasceu em Curitiba em 23 de junho de 1915, faleceu em São Paulo em 12 de janeiro de 1985.

\*\* É jornalista, formada pela Escola de Comunicação, da Universidade Federal da Bahia. Trabalhou na Editora Pini, no lançamento da revista AU – Arquitetura e Urbanismo. Especializada em arquitetura, urbanismo e design, colaborou com os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e com a revista Casa Vogue até ser contratada pela Editora Abril com a missão de introduzir o tema design na publicação e

a cobertura de eventos internacionais. Já publicou ou coordenou revistas como Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Minha Casa e Casa Claudia Luxo. É presidente da Casa Cor, maior mostra de arquitetura, paisagismo e decoração da América Latina.

\*\*\* Professor do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da USJT. Doutor (U. Politécnica de Madrid, 1992); Master (Inst. de Estética y Teoría de las Artes, Madrid 1990); Técnico em Urbanismo (Inst. Nac. de Adm. Pública, Madrid 1988); Arquiteto (Univ. Nac. de Buenos Aires, 1979).

## João Batista Vilanova Artigas, entrevistado pela jornalista Livia Álvares Pedreira, em 1984

João Batista Vilanova Artigas:\* entrevistado.

Livia Álvares Pedreira:\*\* jornalista entrevistadora, prefácio desta publicação e introdução da publicação de 1985.

### Resumo

O texto reproduz na íntegra a entrevista que Vilanova Artigas concedeu à jovem jornalista Livia Pedreira, em 1984, por conta de ter recebido o Prêmio *Auguste Perret*, de tecnologia aplicada à arquitetura, outorgado pela União Internacional de Arquitetos, em janeiro de aquele ano. Esta entrevista foi a última concedida por Artigas a um jornalista, pois o mestre viria a falecer em janeiro de 1985. Publicamos este material com autorização da jornalista que, ainda, nos concede um pequeno texto a guisa de prefácio no qual se lembra da frutífera experiência. Remetemos às publicações anteriores:

1ª publicação:

Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista: Vilanova Artigas. A Construção São Paulo, São Paulo, n. 1910, p. 14-22, 17 set. 1984.

2ª publicação:

Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista. Arquitetura & Urbanismo (AU), São Paulo, Editora Pini, ano 1, n. 1, p. 22-29, jan. 1985.

Palavras chave: Arquitetura Moderna Paulista. Arquitetura e política. Arquitetura e Arte. Ensino da Arquitetura.

### Abstract

The text full reproduces the interview arch. João B. Vilanova Artigas gave to the young journalist Livia Pedreira, in 1984, on account being laureate by the International Union of Architects, in January, with the *Auguste Perret Prize*, for applied technology in architecture. This was the last interview Artigas give to a journalist, because the master died in January 1985. We publish this material authorized by the journalist herself, who also gives us the short text of the preface, in which guise remember the fruitful experience.

Keywords: Paulista Modern Architecture. Architecture and Politics. Architecture and Art. Architectural Education.

## Prefácio

### Artigas, um reencontro

Livia Álvares Pedreira, 2015.

**R**ecentemente, embarquei no túnel do tempo, assistindo o documentário *Vilanova Artigas, o arquiteto e a luz*, dirigido por Laura Artigas.

Aos poucos, o filme me transportou ao início de minha carreira de repórter, em meados dos anos 80, quando fui designada para entrevistar o arquiteto João Batista Vilanova Artigas, que acabara de ganhar um prêmio [Prêmio *Auguste Perret*, 1984, de tecnologia aplicada à arquitetura, outorgado pela União Internacional de Arquitetos].

Volto ao texto, inicialmente publicado na revista **A Construção São Paulo**, da Editora Pini e republicado na primeira edição da revista **Arquitetura & Urbanismo** (AU), e me deparo com a transcrição

quase literal da fala do arquiteto, que me recebeu em seu escritório no prédio do IAB, no centro de São Paulo. Fugi da clássica reportagem por absoluta incapacidade de editar as quatro horas que passamos conversando. Fiquei fascinada, confesso.

Lembro-me de sua voz rouca, da cabeleira branca, do olhar vigoroso... Lembro-me de um homem sensível, forte, apaixonado por seu ofício, que me fisgou imediatamente.

Foi um encontro definitivo, que pautou minha trajetória profissional nessas últimas três décadas, dedicadas a amplificar a causa da Arquitetura. Afinal, com Artigas, entendi que somente a Arquitetura pode realizar o direito humano à beleza.

**[Introdução, 1985]<sup>1</sup>**

**Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista.**

Pela segunda vez, o arq. João Batista Vilanova Artigas conquista um dos maiores prêmios mundiais de Arquitetura, atribuído pela UIA, a cada três anos. Agora, o prêmio *Auguste Perret*, de tecnologia aplicada à arquitetura.

A os 69 anos, Artigas é considerado pioneiro na definição de sistemas estruturais inteligentes e econômicos dentro dos condicionamentos do partido arquitetônico: na definição de certos espaços públicos, principalmente escolas. Pioneiro também em projetos onde os materiais permanecem a descoberto, sem revestimentos, como na natureza.

“É preciso fazer cantar o ponto de apoio”, ensinava o francês Perret. E o paranaense Artigas, radicado em São Paulo, se tornou conhecido como o arquiteto que conseguia arrancar som das estruturas que projetava. Melodia, certamente, composta de forte sentimento humanista, de ideais de liberdade e do compromisso político com a realidade de seu país. Engajamento documentado em inúmeros artigos e depoimentos escritos ao longo de quatro décadas, alguns deles reunidos no livro *Caminhos da Arquitetura*.

Contemplado, em [19]72, com o prêmio Jean Tschumi, de ensino da arquitetura, Artigas recebia o reconhecimento mundial por sua luta na reestruc-

turação do ensino brasileiro de arquitetura, justamente no momento em que se encontrava banido em seu próprio país. Quatro anos antes, o AI-5 impedia o arquiteto e professor de levar adiante o projeto de reformulação da FAU, iniciado em [19]62. Apesar de ter sido um dos fundadores da escola, retornou à Universidade, em [19]80, como simples professor assistente.

Para recuperar o título de professor titular, o autor de importantes projetos como o estádio do Morumbi e o prédio da FAU se submeteu a uma banca examinadora, composta por antigos companheiros. Constrangidos com as exigências da burocracia universitária, conseguiram transformar o exame em ato político, homenageando Artigas que por mais de duas horas dissertou sobre a Função Social do Arquiteto.

Aqui reproduzimos a matéria especial da revista **A CONSTRUÇÃO São Paulo**: durante mais de quatro horas de entrevista e conversa, Artigas chama à reflexão vários temas como arquitetura, ensino, realidade do país - ou da Pátria como prefere o mestre.

**[Entrevista]**

**[Livia Pedreira]** *(No seu depoimento, Artigas começa citando o pensador italiano Umberto Eco:)*

**[Vilanova Artigas]** – “Obrigado a encontrar formas que enformem sistemas de exigências sob as quais não tem poder o arquiteto está condenado,

*pela natureza do seu trabalho, a ser a única e última figura de humanista da sociedade contemporânea. Obrigado a pensar a totalidade justamente na medida em que se torna técnico setorial. especializado. interessado em operações específicas e não em declarações metafísicas” ...*

**[LP]** (e fala sobre o papel do arquiteto na sociedade atual ... )

**[VA]** – *Devemos, em primeiro lugar, analisar a dimensão exata do trabalho do arquiteto. A contribuição dos arquitetos no total das obras construídas no país é muito pequena. Por outro lado, quase ninguém observa o significado cultural e artístico que a construção tem para a sociedade. O construtor, sob o ponto de vista do processo produtivo, fica apenas na concreção do processo e não assume - como lembra Eco - a responsabilidade humanística em relação à obra. Os arquitetos, por outro lado, querem que a obra seja a expressão da época que ele viveu. Transportam-se para a cidade e passam a ter responsabilidades sobre as formas que ela vai assumir, bem como com o papel que cada edificação representará no ambiente urbano ...*

**[LP]** (e de sua própria relação com a cidade, a sociedade ... )

**[VA]** – *Na década de 50, achei que era necessário mudar a tipologia da casa paulistana. Tratava-se de modificara divisão interna espacial da casa da*

*classe média paulista, que necessitava se atualizar em relação às modificações sociais que se processavam em nosso país. Ela já não podia continuar imitando a casa tradicional, influenciada pela vida no campo. Nesta época, por exemplo, era comum às casas manterem a entrada de carro como uma reminiscência da antiga cocheira, com os quartos de criados e o tanque de lavar nos fundos da casa. Para mim, elas deveriam ser pensadas enquanto um objeto com quatro fachadas, mais ou menos iguais, ajustando-se à paisagem, como uma unidade. Assim, tanto a garagem quanto o quarto de empregados e lavanderia estavam incluídos na unidade. E cada uma dessas casas, com suas características próprias, formaria um conjunto de unidades, resultando um bairro ou cidade mais equilibrada, onde cada um dos elementos falaria sua própria linguagem.*

**[LP]** (relembrando O processo de urbanização, os amigos, o encontro com os concretistas ... )

**[VA]** – *O início do processo de urbanização paulista se dava, paralelamente, ao trabalho de alguns artistas, meus colegas de juventude, Rebolo. Volpi, Zanine, começaram pintando os arredores da Cidade de São Paulo, como quem tem uma nostalgia da vida do campo. O que refletia uma visão romântica “da casa com coqueiro ao lado”, em torno da qual se dava uma série de definições de valores. Mas as mudanças na sociedade começavam a exigir uma nova postura dos arquitetos e artistas. O caminho de Volpi, por exemplo, foi se encontrar*

*com os concretistas. Mais tarde, eu também me encontrei com eles, não só nas minhas composições arquitetônicas como no plano do ensino.*

**[LP]** Quando se deu exatamente este encontro com os concretistas?

**[VA]** – *Na década de 60, fazíamos então a formulação do ensino de Arquitetura em São Paulo. Era necessário ser objetivo quanto ao que ensinar, para não propor um ensino como este que existe hoje na Universidade, onde não há uma coordenação entre as disciplinas, nem objetividade quanto aos seus programas.*

**[LP]** Como se pensava na época o ensino da Arquitetura?

**[VA]** – *De acordo com a minha visão do mundo, a escola deveria abrir espaço para a pesquisa entre professores e alunos em torno da qual se daria o planejamento geral do meio ambiente. Isto não significava única e exclusivamente fazer casas e colocá-las na paisagem, mas abrangia o desenho industrial e a comunicação visual. Se pensava no arquiteto como um humanista, capaz de projetar o produto e a embalagem e, desta forma, acompanhar o desenvolvimento da indústria paulista, intervindo no espaço urbano de forma racional e proporcionando um conjunto harmonioso.*

**[LP]** Essa visão está expressa em seus projetos?

**[VA]** – *Veja, o arquiteto, ao empilhar quatro tijolos, exprime todo o planejamento da sociedade. Foi isso que caracterizou meu trabalho. Uma obra relativamente pequena mas tinha um Norte e Sul bem definidos, dirigidos, sem ilusões... O próprio curso de desenho industrial e comunicação visual que eu pensei para os estudantes da FAU formaria o conjunto humanístico que, creio, deveria caracterizar a cabeça do arquiteto e o planejamento geral do meio ambiente. Com estes elementos, os profissionais poderiam enxergar com maior tranquilidade o significado da poluição ou da favela, pois tudo faria parte de um conjunto. Essa visão integrada pode ser percebida nas casas que eu fiz ainda na década de 50 e 60.*

**[LP]** (para ele, no entanto, a função social do arquiteto, em nosso país, ainda não está delineada ... )

**[VA]** – *Se aceitarmos a afirmação inicial de Umberto Eco, a definição da função social do arquiteto aqui em nosso país está por ser feita. Quando ficamos perplexos diante das condições de decadência do Brasil, decorrência desses últimos 20 anos, perceba que, quem levanta a bandeira da esperança é à direita! Nossas perspectivas - as minhas principalmente - ficam totalmente fechadas, não sabemos como vai ser o amanhã.*

*Sempre tive certeza que haveria uma revolução proletária e que o desenvolvimento resultaria na criação de uma indústria nacional capaz de servir ao nosso povo e de propiciar o surgimento de uma*

*classe operária, tal qual a pensada por Marx, que, acumulando um conhecimento geral e mais a modificação da estrutura decorrente, abria-se o caminho para o socialismo, enfim para uma sociedade mais elevada. O que se deu foi o contrário. As lideranças operárias formadas nos últimos anos não são exatamente iguais as que eu havia imaginado.*

*Vamos retomar então a década de 50 ...*

*Vínhamos de 45, da vitória sobre o nazismo, da perspectiva de um novo mundo, da democratização que nosso país vivia, particularmente naquele momento... Do lado cultural, busquei traduzir todas estas mudanças nas casas que projetei e, ao observar como o povo constrói suas casas, escolhi, como arquiteto, aspectos peculiares da nossa gente. Não queria copiar Le Corbusier.*

**[LP]** (apesar disso, admite influências...)

**[VA]** – *Certamente, há uma influência, mas não só dele. Inicialmente, quando comecei minha vida profissional, formado pela Escola Politécnica, busquei respostas em Frank Lloyd Wright ...*

**[LP]** (explica então como se deu sua formação de arquiteto...)

**[VA]** – *Havia um curso de arquitetura na Politécnica, isso era normal, apesar de, no Rio, o curso estar vinculado à Escola de Belas Artes. A classe dominante paulista nunca se deu ao luxo de ensi-*

*nar artes plásticas que, antes de 1920, era considerada “coisa de mulher”. Esse é um estudo de sociologia que está por ser feito, mas encontramos nos romances de Machado de Assis uma amostra das relações sociais daquela época. O machão daquela época era deputado, advogado etc... e toda essa estrutura do século XIX ainda não foi bem avaliada, inclusive para que conheçamos o tipo de formação que estava na estrutura da industrialização. Eu tenho estas origens. Então a minha saída foi mais machona, pelo lado da engenharia. Encontrei em Frank Lloyd Wright uma formulação que não encontrava no curso da Poli. Por exemplo, eles ensinavam a fazer o telhado, mas dependíamos do telhadeiro que, em geral, era um operário europeu imigrante.*

**[LP]** (e sua postura revolucionária nos primeiros projetos...)

**[VA]** – *Nos anos 40, fizemos uma revolução. Nos primeiros projetos wrightianos decidi que eu mesmo calcularia os telhados para ver a forma que resultaria. Assim, essas casas me impuseram a disciplina de fazer meu projeto completo. Usei o mesmo método quando fiz os primeiros projetos de arquitetura, precisamente na década de 50. Sim, porque antes não existia projeto mas fotografias daquilo que Le Corbusier e outros arquitetos europeus ou norte-americanos haviam feito. Então era preciso transformar aquilo em projeto. Tivemos que rever todos os detalhes pois até aquela época tudo se fazia na base da imitação.*

*A etapa seguinte foi fazer, da estrutura da casa, um elemento capaz de caracterizá-la: as colunas de baixo assumiram, então, a forma que elas têm e a ossatura começou a fazer parte da expressão formal do projeto. O edifício Louveira, por exemplo, coisa tão simples e elogiada. Tratava-se de um terreno de esquina com uma praça nas proximidades. Na ocasião, precisamente em 50, projetei os edifícios em dois blocos que se interligavam de certa maneira, assimilando a praça para o interior dos prédios. E acabou sendo a solução adotada em todos os edifícios de apartamentos dessa época em diante, a lâmina, apoiada sobre colunas, uma coluna posta atrás da outra, de acordo com cada projeto ...*

*Não estou falando de mim, mas da figura do arquiteto nos termos definidos por Umberto Eco. Essa figura de homem que contribui, de certa forma, para que outros se apropriem desse processo. E a estrutura geral da cidade, a convivência e a repartição do espaço passam a ser a manifestação de um determinado momento histórico ou de uma maneira de os homens viverem a sua dignidade, transportada para cada prédio ...*

*Mas, veja a maldade incrível da história para com certos fatos. Ou ando Engels denunciou a situação da habitação operária na Inglaterra, a classe dominante percebeu que, afinal de contas, construir casas decentes para a classe operária e cobrar deles um aluguel, dava 10% além do capital empregado. Não foi mais necessário que os operários dor-*

*missem ao relento porque a própria casa operária passou a ser uma mercadoria, perdendo seu valor de uso e adquirindo o valor de troca.*

**[LP]** (e se pergunta...)

**[VA]** – *Se me chamarem de idealista? Concordo inteiramente. Mas não saberia dizer como deve ser um materialista competente nesta época que aí está. Sei que fiz uma poesia deste processo todo, fiz uma imensa poética. Que eu fiz, dos primeiros aos últimos versos. Sou um arquiteto humilde ainda hoje, por causa das minhas relações políticas, os sindicatos são meus principais clientes. Não tenho uma casa suficientemente grande para receber alguns burgueses e conchavar com eles os prédios de apartamentos que vão fazer.*

*Não estou me dando como falido. Apenas segui o caminho que escolhi. Ainda estou do lado da classe operária e é neste Brasil, ainda muito humilde, que a gente deve colocar as esperanças. Alguma coisa terá que ser modificada. O Florestan Fernandes é que tem razão quando diz: “Haverá um momento na história deste país subdesenvolvido, em que toda esta reserva de miseráveis que se contempla hoje em dia - apesar de toda a anarquia que eles possam vir a impor à sociedade - destacará seus líderes legítimos e encontrará uma linguagem nova e um novo caminho”.*

**[LP]** Em seu discurso aos formandos da FAU, enviado do exílio no Uruguai, em [19]64, o Sr. alerta-

va os futuros profissionais, dizendo: “O arquiteto não é um profissional da indústria da construção, um apêndice de uma máquina constrangedora e terrível. Ao contrário, cabe-nos ajudar, a dominar, a submeter a estrutura impositiva que transforma o homem em coisa, em vítima de sua própria criação” ... O Sr. acha que os arquitetos conseguiram manter essa consciência humanística, crítica?

**[VA]** – *Creio que as coisas se passaram mais ou menos dessa maneira. Minha culpa foi ter criado uma ética como professor que está de pé ainda hoje. Meus colegas trabalham hoje em cidades da Grande São Paulo e quais as possibilidades que eles têm de elevar o planejamento urbano a um nível humano mínimo. Os nossos administradores, por maior valor que tenham, não conseguem superar o nível de problemas de uma metrópole como São Paulo. É toda uma conjuntura social que nos leva a pensar que para pôr em ordem novamente o espaço urbano, precisaríamos de uma revolução geral. Se duplicarmos a população nos próximos cinco anos, precisaremos mexer em toda a infraestrutura, além de dobrar o número de empregos, e por aí vai... A Emplasa sabe que 48% da população de São Paulo é favelada e mesmo a prefeita da Cidade Universitária, Maria Adélia,<sup>2</sup> confessa que a maioria dos funcionários da USP mora na favela de São Remo. Como solução aparece a arquitetura de terra - como se bastasse catar a terra no chão propondo a execução de casas para favelados, mas esquecendo de obras de infraestrutura urbana, sem as quais a construção de terra seria o*

*mesmo que cavar um buraco no solo e enterrar as pessoas dentro.*

**[LP]** E como podemos pensar a arquitetura no Terceiro Mundo?

**[VA]** – *Tenho uma colega que está em Osasco, tentando, com recursos mínimos, dar alguma forma urbana àquelas favelas... Estes são os verdadeiros heróis e os respeito profundamente. Mas, como já disse, não abro mão das minhas utopias. E com os dentes cerrados que fico aqui aceitando as tarefas que me aparecem, enquanto admiro colegas e ex-alunos que se atiram, com heroísmo, a essa coisa brutal que hoje é a cidade de São Paulo. Sou um cidadão igual a todos, não tenho a chave para resolver nada e a única coisa que posso declarar é que assinei um manifesto de apoio a Tancredo Neves.*

**[LP]** Por quê? Será que a bandeira da esperança passa pela candidatura Tancredo Neves?

**[VA]** – *A gente pode até dizer que não, mas faz parte do caminho. Nossas esquerdas não têm unidade suficiente para aguentar uma bandeira como a “Diretas-já”. E essa esquerda é a expressão de nossa classe operária, Temos de nos unir de alguma forma, Tancredo é um ponto de união que precisamos para realizar alguma coisa. Se soubermos caminhar juntos e ganharmos uma espécie de tempo histórico na anarquia em que vivemos, então poderemos vislumbrar um caminho a seguir.*

2. Nota dos Editores: Artigas refere-se a Maria Adélia Aparecida de Souza, que foi Prefeita da USP de 1983 a 1986.

**[LP]** (aborda as formulações didáticas propostas em [19]62 e a reforma universitária implantada a partir de 1970...)

**[VA]** – Com a reforma universitária, a ênfase recaiu sobre o professor e suas carreiras. As unidades são montadas para pesquisa e não se faz pesquisa nenhuma. A produção intelectual não passa de um amontoado de papéis escritos que possibilitam apenas que as pessoas comecem como mestre e acabem assumindo o poder. É aquilo que a Eunice Duhram<sup>3</sup> chamou de tecnoburocracia, que divide cargos e recursos e comanda toda a estrutura universitária. Os alunos dançam de um lado para o outro, sem que ninguém lhes diga o que se quer deles ou o destino que se pretende para estes jovens. Tenho um afeto enorme por estes moços, não fui formado por esta estrutura que está montada. Esta é a escola que os americanos nos impuseram dentro de nosso subdesenvolvimento, mas não é uma cópia da Harvard ...

**[LP]** (e comenta a interferência norte-americana na vida do nosso país...)

**[VA]** – Temos uma das arquiteturas mais famosas do mundo. E o que ocorre? A vanguarda está lá nos Estados Unidos, ditando normas e formas arquitetônicas. Eles pegam os Le Corbusier e colocam para fazer protótipos financiados por grandes conglomerados internacionais, exportam os modelos de edifícios que a nossa classe dominante, macaca, reproduz na Av. Paulista, de uma

maneira deliberadamente sacrílega. Desprezam o nosso passado cultural, com toda sua dignidade e reproduzem aquilo que aprendem com os americanos de Dallas. Essas coisas são de uma realidade desesperada.

**[LP]** (voltando à Universidade...)

**[VA]** – O prédio da FAU foi idealizado em [19]62, com todos aqueles ideais de [19]45 e o curso não tinha mais que 30 alunos por ano. Hoje, a escola recebe, anualmente, mais de 150 e todos aqueles ideais foram praticamente esquecidos, não porque a escola tivesse degenerado, mas porque a Universidade mudou. E está mais voltada para a classe média com o intuito de manter a estrutura que o governo necessita, sobretudo nas eleições.

**[LP]** (fala também do seu afastamento da FAU e do medo no início dos anos 70...)

**[VA]** – Mas veja, o sofrimento desse povo, nestes 20 anos, é incrível. Vi rapazes em [19]68 tentarem seguir a luta armada. E eu os impedi, apesar de na época ter transformado alguns deles em meus inimigos. Mas tenho a impressão de que, com isso, salvei uma centena de jovens que hoje estariam nas listas dos desaparecidos do período da repressão. Isto está no meu coração como a melhor contribuição política que dei à juventude de minha pátria. Digo isso com uma profunda emoção. Do sofrimento do nosso povo, posso dizer que participei profundamente. Alguém terá olhos para um dia

3. Refere-se à antropóloga Eunice Duhram, que junto com a também antropóloga Ruth Cardoso, faziam parte do seminário conhecido como “das segundas-feiras”, que daria origem posteriormente ao Núcleo de Antropologia Urbana da USP.

*ler nas formas que projetei todo esse sofrimento. Se verá uma poética traduzida. Enfim, os arquitetos não dormiram, eles velaram ...*

*Em 68 não fiquei um mês na FAU. O AI-5 me mandou embora, mas não fui só. O Paulo Mendes da Rocha e o Jon Maitrejean eram homens dignos. Ao ser cassado com eles, não puderam me cobrar posições políticas radicais, mesmo porque nunca as tive. Me cassaram com pessoas dignas.*

**[LP]** E depois do AI-5?

**[VA]** – *Fiquei sem salário.*

**[LP]** (e continua)

**[VA]** – *Dei continuidade ao meu trabalho, neste escritório humilde. Inegavelmente, me aproveitei um pouco do milagre econômico e durante este período fiz algumas escolas e escrevi alguns artigos ...*

**[LP]** As escolas projetadas nesta época retratariam o sofrimento dessa década de [19]70?

**[VA]** – *Seria muito pretensioso... Para falar a verdade, eu sobrevivi. E depois de cassado, vivi a década de [19]70 cercado pelo medo. Desse período só me lembro do medo. Terror que fez meus colegas calarem a boca na Universidade e não os chamo de covardes por não terem protestado contra minha ausência. Para dizer a verdade, somente agora começo a tomar conhecimento des-*

*sas coisas, do terror da época. Tive que reengolir esses terrores, inclusive para me submeter a este concurso, pois revi um monte de besteiras, sem qualquer conteúdo histórico ou político, para fazer um discurso bonito. Fatos como estes ilustram como viveram os intelectuais nos últimos 20 anos.*

**[LP]** Depois desse afastamento da FAU, o Sr. retornou em [19]79, logo após a anistia. No entanto, somente depois de quatro anos foi aberto o concurso que lhe devolveria a cátedra ... (ele explica então esses fatos ... )

**[VA]** – *De fato eu poderia ter feito o concurso em 1980, mas o meu nome poderia ser incluído numa lista sêxtupla e ser indicado para dirigir a escola. Como faço 70 anos no próximo ano e tenho apenas seis meses na FAU, o concurso foi então aberto para mim. Você está fazendo a história de uma pessoa já liquidada para esta estrutura que está aí. É trágico dizer isso, mas é a pura verdade. Eu fiz o concurso porque já não represento perigo nenhum. É como se já pudesse entrar para qualquer museu da História. Não digo isso com mágoa. Tenho um orgulho tão grande de meu passado, das minhas ilusões, de realizar essa pequena obra, que me sinto muito bem. Duro seria se não tivesse nada para dizer e chegasse nesta hora ainda esperando uma última oportunidade... É um papel cumprido integralmente.*

**[LP]** O Sr. se refere a sua obra como uma pequena contribuição à arquitetura paulista. Entretanto, es-

tudiosos o apontam como o pioneiro dessa arquitetura, com influências nas gerações posteriores. E sua obra não está restrita a São Paulo, o Sr. tem obras em outros Estados, participou do concurso de Brasília...

**[VA]** – *É, tinha todas aquelas ilusões de construir uma cidade democrática, mas era um projeto meio bobo. Achávamos que a terra urbana deveria continuar como propriedade do Estado, mas não gosto de falar nele. Nunca mais toquei neste projeto ...*

**[LP]** Mas neste projeto e mesmo em outros como o Conjunto Zezinho Magalhães Prado o Sr. utilizava o conceito de freguesias...

**[VA]** – *Isto vem como produto das minhas posições nacionalistas, assumidas em artigos escritos que reivindicam para o arquiteto o direito de usar a palavra desenho, em oposição a design. Me senti um valentão por causa disso e fico contente quando vejo jornalistas usarem hoje a palavra tal qual eu sugeri. Fui buscar em Heidegger a origem da palavra “construir” e concluí que ela está ligada ao verbo ser e não ao verbo ter. Fiquei indignado com a tradução da palavra alemã nachbar (que quer dizer a construção ao lado, o ser que habita perto) por bairro, que arranjei freguesia para substituí-la. Veja até onde chegou meu radicalismo de amor à Pátria ...*

**[LP]** Qual a sua relação com seus projetos?

**[VA]** – *Estou preso a algumas residências como*

*a de Olga Baeta [1956], dou muito valor à FAU e às escolas industriais. Tenho um carinho especial pelas escolas que projetei para trabalhadores. Há ainda algumas residências onde fiz experiências de vanguarda, como a casa de Elza Berquó, em [19]67, com influências pop. Isso reflete a minha preocupação em colocar nas casas que projetei o pensamento artístico da época.*

**[LP]** E o projeto de reurbanização do Vale do Anhangabaú?

**[VA]** – *Foi um grande laboratório. Mas quando arquiteto não gosta do trabalho que fez nem quer ouvir falar nele.*

**[LP]** No texto de apresentação do projeto, feito em 1975, o Sr. dizia: “A felicidade de um povo se mede pela beleza da sua cidade”. E apresentava uma concepção de urbanismo, ou melhor, uma intervenção na cidade que vinha da Marginal Pinheiros, passando pelo Vale do Anhangabaú, Av. 9 de Julho e ia até a Marginal Tietê, sem a megalomania das obras faraônicas, disseminada na época do “milagre brasileiro”...

**[VA]** – *Pois é, mas não queria ter construído isso. Acho que cometi um erro de avaliação e o projetei com a ideia de que era desnecessário. Sim, porque eu iria lutar para que a construção do metrô resultasse em passarelas subterrâneas. Exatamente para não modificar um viaduto que possui um valor histórico imenso, como acabou ocorrendo e*

*o Vale ficou conspurcado. São fatos como esses que nos levam a constatar que a cidade também se transformou em mercadoria, mais um espaço onde a classe dominante faz seus lucros.*

**[LP]** O Sr. disse numa ocasião que “o arquiteto é antes de tudo um artista”...

**[VA]** – *Pude dizê-la e me sinto hoje muito mais honrado pela minha sensibilidade do que pelo meu saber. Enfim, a Arquitetura é uma arte, isso repito. Daí se retiram as conclusões humanísticas, sejam baseadas em Umberto Eco ou não. No fundo, é o direito humano à beleza, coisa que a burguesia não concebe, mas que é tão simples de oferecer. Sim, é o valor da cultura, mas a burguesia também não sabe o seu significado e faz dela mais uma mercadoria, com a sua visão reaganiana do consumo ...*

**Referências [a transcrição que aqui apresentamos foi retirada de]:**

PEDREIRA, Livia Álvares. Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista: Vilanova Artigas (Depoimentos). **Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, Editora Pini, ano 1, n. 1, p. 22-29, jan. 1985.

